

“Se fosse para o futuro teria que ir e não voltar...”: deslocamentos temporais e a aprendizagem da História nos Anos Iniciais do ensino fundamental.

Marlene Cainelli *

Magda Madalena Tuma *

Sandra Regina Ferreira de Oliveira *

Resumo: Nesta comunicação apresentaremos resultados parciais da pesquisa “Educação Histórica: iniciando crianças na arte do conhecimento histórico”, em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina, envolvendo os Departamentos de História e Educação. Esta pesquisa ancora-se nos suportes teóricos e metodológicos da Educação Histórica. O recorte aqui proposto está centrado em uma das atividades realizadas em sala de aula de quarta série de uma escola municipal de Londrina, Paraná, durante o ano de 2008. Temos por objetivo analisar a progressão do conhecimento no sentido da complexidade do pensamento histórico e nas deslocamentos temporais possíveis a partir de um elemento motivador: o filme “De volta para o futuro”.

Palavras-chave: Educação Histórica, Ensino de História, ensino-aprendizagem, tempo histórico.

Abstract: We’re going to show in that speech the partial result of the research “Historical education: introducing childs in the historical knowledge art”, which has been developed in the University of Londrina. That research involved the Department of History and Department of Education. The research is based on the methodological and theoretical support of the historical education. The analisys in this speech has focused on the one of the activities that was maked in the fourth grade classroom of Londrina public school at the 2008. Our objective is the analyse of the knowledge progression toward the complexity of historical thought, in the possibles changes in the ages derived from the movie “Back to the Future”, used like inducing activity.

“*Se fosse para o futuro teria que ir e não voltar...*” foi uma das respostas recebidas à provocação realizada em sala de aula durante uma das intervenções do Projeto Educação Histórica: iniciando crianças na arte do conhecimento histórico¹. Neste momento estávamos com atividades na quarta série do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Londrina. A resposta emergiu da indagação sobre o título do filme que iriam assistir: “De

* Doutora em História. Universidade Estadual de Londrina

* Doutora em Educação. Universidade Estadual de Londrina

* Doutora em Educação. Universidade Estadual de Londrina

¹ O projeto Iniciando crianças na arte do conhecimento histórico surgiu de discussões sobre educação histórica realizado no âmbito do grupo de Pesquisa história e ensino e da participação em seminários realizados pelo laboratório de Pesquisa em Educação Histórica coordenado pela Professora Maria Auxiliadora Schmidt. O projeto iniciou-se em 2006 em uma escola particular da cidade de Londrina com trabalhos de investigação sobre as idéias históricas de alunos de 2ª série(1ºano) do ensino fundamental.

volta para o futuro²”, e nos colocou mais uma vez perante a complexidade das elaborações temporais infantis.

Esta constatação não significou algo inédito na trajetória dos estudos realizados para o projeto iniciado em 2006, pois anteriormente, em trabalho com os alunos da terceira série do ensino fundamental, já havíamos percebido dificuldades quanto às noções de temporalidade. O entendimento da necessidade de aprofundar nossos conhecimentos da forma como os alunos compreendem e utilizam as noções de tempo na aprendizagem do conhecimento histórico nos impeliu à ampliação de pesquisas sobre o pensamento infantil em suas elaborações.

Para as atividades de 2008, tendo em vista o objetivo acima anunciado, optamos por estratégias que nos possibilitassem entender como os alunos da quarta série do ensino fundamental estabelecem relações entre o passado, presente e o futuro. O recorte no conteúdo recaiu na temática “monumento” devido a duas questões: primeiro, porque compreendemos que o aluno, para entender o conceito de monumento, precisaria dentre outras noções, estabelecerem relações entre as diversas temporalidades, pois os monumentos carregam em si, representações que serão reinterpretadas a partir da leitura contemporânea.

Segundo: uma das questões propostas no instrumento de investigação aplicado nos alunos no ano de 2007, quando estes cursavam a terceira série, indagava: O que era o Marco Zero³? Ao analisarmos as respostas ao instrumento de pesquisa apresentado aos alunos percebemos que ao responder as questões sobre o Monumento os alunos não consideravam o tempo de existência entre os acontecimentos que deram historicidade ao local e a data de construção do mesmo. A perspectiva do tempo aparecia congelada ora no período de fundação da cidade (1934) ora no período da construção do monumento (1984). O tempo decorrido entre um acontecimento e outro não aparecia na construção das idéias históricas apresentadas pelos alunos.

Neste artigo, apresentamos os resultados da investigação junto aos alunos enfocando as compreensões destes sobre os deslocamentos temporais.

A utilização do filme como atividade, foi decisão tomada no reconhecimento deste como declaradamente de ‘ficção’, possibilitando remeter as crianças a perspectivas diferenciadas, ou seja, a se situarem entre o que é possível na realidade e o que é ficção. A presença e o uso da ‘máquina do tempo’ fortaleceu a condição de ‘ficção’, trazendo a

² O filme “De volta para o Futuro” é um filme de 1985 com roteiro de Robert Zemeckis e Bob Galé, dirigido por Robert Zemeckis

³ O monumento em questão é chamado de Marco Zero foi construído no local onde teriam chegado os primeiros colonizadores da Companhia de Terras Norte do Paraná ao local onde hoje é a cidade de Londrina.

possibilidade da relação causal entre as opções do passado e as repercussões para o presente (do tempo do filme), de forma não linear.

Cooper (2002, p.36) aponta em seus estudos que as crianças podem e trafegam entre diferentes pontos de vista quando são solicitadas para diferentes reconhecimentos tendo por base suas experiências prévias. Em nosso caso, elas tiveram a oportunidade de comparar elementos socioculturais e históricos em diferentes contextos temporais, inclusive com projeções para o futuro, mas contendo elementos que possibilitavam ir além da própria experiência, no reconhecimento de diferenças e semelhanças, assim como de mudanças e permanências.

No que se refere à ficção, Ricoeur (1995) nos traz a distinção entre narrativa histórica e ficção quando designa o “termo ficção para a das criações literárias que ignoram a ambição, característica da narrativa histórica, de constituir uma narrativa verdadeira” ou que tem a “pretensão à verdade” (p.10). Para o ensino de história esta relação entre ficção e não ficção precisa ser abordada, principalmente nos anos iniciais, onde as crianças transitam por esses mundos – o real e o imaginário.

O cinema aqui, não cumpre a função de ilustrar um conteúdo trabalhado, e sim nos possibilitar a proposição de situações variadas para que na elaboração de narrativas as crianças considerassem as diferentes intencionalidades e nelas percebessem as múltiplas relações de causa e efeito que vão se combinando no desenrolar da trama, para a compreensão da idéia do autor; do que quis transmitir e, para que na socialização percebessem entre cada um deles as diferentes percepções sobre o que viram, ouviram, leram.

A história do filme “De volta para o futuro” se dá a partir de “deslocamentos temporais” [1985 - 1955 -1985], neste sentido pretendíamos perceber como os alunos entendiam este deslocamento, além disso, há no filme há permanência do espaço, ou seja, o personagem volta no tempo, mas para a mesma cidade, os locais de passagem do personagem permanecem sempre os mesmos. Em nosso entendimento a permanência do espaço, neste tipo de investigação, torna-se importante porque nos possibilita trabalhar somente com a variável tempo, o que facilita as análises comparativas.

Nesta perspectiva, consideramos este filme como uma estratégia possível para atingirmos este objetivo. Vejamos: para se ter acesso ao conhecimento histórico é necessário entender que o historiador, homem de um determinado tempo, olha para o passado, que será relativo ao presente vivido pelo historiador, e que a partir do diálogo com as fontes, elabora uma determinada narrativa sobre este passado. No entanto, ao construir esta narrativa sobre o passado, este historiador, em seu presente, tem informações (noções que domina) sobre o que

foi ‘o futuro’ daqueles que pesquisa no ‘passado’. Portanto, o historiador se desloca constantemente entre estes três tempos na construção da narrativa tanto na sua perspectiva como na perspectiva do objeto.

Ao nos deslocarmos temporalmente podemos identificar as permanências e rupturas em uma análise comparativa. No entanto, uma abordagem comparativa, na maioria das vezes, no trabalho em sala de aula, acaba não focando o deslocamento temporal, mas sim o presente de cada tempo. Por exemplo: quando solicitamos que os alunos apresentem as permanências e rupturas entre situações do passado e do presente. Neste sentido, ainda que seja uma análise comparativa que pode propiciar o diálogo temporal entre passado-presente, muitas vezes, o aluno permanece apenas na descrição dos elementos perceptíveis no passado em relação aos de hoje. É como se organizasse dois cenários para se estabelecer uma comparação e concluir com os dados postos. Esta atividade é importante para o conhecimento histórico? Sem dúvida, mas ao dialogar com os diferentes tempos de forma linear e em uma dada seqüência: passado-presente, uma das categorias fundamentais na compreensão do tempo poderá se perder: a duração.

A duração contém condição que traz em sua ausência a não compreensão das diferentes temporalidades propostas por Braudel (1992) (tempo da estrutura, da conjuntura e do acontecimento), assim como levará à perda na estruturação da narrativa da possibilidade de articulação não só entre as diferentes temporalidades, mas também do ritmo posto pela duração. É esta a oportunidade que geralmente é sonogada para a criança, que fica apenas com levantamento de dados não analisados relativos ao presente e ao passado, ao não se propor, ainda que minimamente, a construção da narrativa.

No entanto, trabalhar com a questão da duração não é tarefa fácil porque se trata do tempo que passa, mas que não é medido objetivamente e nem está no passado, no presente ou no futuro: ele perpassa e interliga os tempos. Onde encontraríamos a sua concretude: na causalidade. As múltiplas relações causais estabelecidas entre os tempos é que leva ao entendimento das durações, em relações entre passado, presente e futuro. É no movimento de reconhecimento dos ritmos da história, que teremos a densidade do que se pretende compreender historicamente, o que não prescindirá das relações causais que não se apresentarão de forma sincrônica e contínua, conforme muitos buscam para sua acomodação e sossego, o que a duração não permite em sua descontinuidade, porque os “acontecimentos não se depositam [...] ao longo de uma duração como ganhos diretos e naturais.” (BACHELARD, 1994, p. 51).

Assim, escolhemos este filme como elemento que nos possibilitasse aproximar as crianças, de determinados conceitos e/ou situações que não estão propriamente alocados na área do conhecimento histórico, mas que podem dar suporte para que pensem esse conhecimento, estabelecendo diálogos que revelem suas interpretações e percepções sobre a ficção e a realidade.

Os primeiros diálogos estabelecidos em sala de aula com os alunos se relacionavam ao nome do filme: “De volta para o futuro”. Indagamos: *é possível voltar para o futuro?* As respostas recebidas enquadram – se em duas perspectivas: (a) a que transita entre a ficção e a realidade, pautada em uma perspectiva de futuro na qual o homem construiria uma máquina do tempo, tornando possível estes deslocamentos temporais. Neste tipo de resposta, ainda que no campo ficcional onde tudo é possível, podemos identificar relações de deslocamentos temporais pois é necessário imaginar ficcionalmente um espaço para onde ir: o futuro. (b) a perspectiva na qual o tempo (futuro) está diretamente relacionado ao espaço e aos verbos que indicam locomoção (ir, voltar) –As crianças responderam: *dá para voltar para o passado porque ele já passou, não dá para voltar ao futuro, pois se não aconteceu não dá para voltar, se fosse para o futuro teria que ir e não voltar(fala que resultou no título deste trabalho), não dá para voltar para o futuro porque ainda não aconteceu.* Estas respostas indicam a relação, sempre presente entre temporalidade e narrativa, concretizada nos tempos verbais. É na narrativa que a temporalidade se concretiza e onde se possibilita a elaboração pelos alunos de relações entre o passado e o futuro ancorados na concepção de lugar - lugares. O recurso de relacionar tempo a lugar possibilitou aos alunos a construção de referenciais para a compreensão de questão abstrata, que vem acompanhada de uma “pegadinha semântica” visto que o verbo voltar é indicativo explícito de retorno e a palavra futuro é o que ainda está por vir.

Para situar o conflito a que nos expomos na intenção de colocar as crianças da faixa etária entre 9-10 anos em situação de elaboração de narrativas para posterior análise, buscamos em Ricoeur (1995) o entendimento da complexidade das narrativas tanto para sua elaboração quanto para a interpretação. O exercício de elaboração de narrativas possibilita a reconfiguração do sentido de uma experiência e nela se intenta a articulação entre, presente, passado e futuro, para posteriormente se promover a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do leitor, e neste processo a constituição do sentido.

Ricoeur considera que neste movimento, acontece a constituição do sentido que se relaciona à interpretação, o que remete ao confronto, à articulação e à superação do que é

apreendido como significação, pois o sentido vai além da fala e não se refere apenas à transposição de lugar, ou seja, do lugar de autor para leitor ou vice versa.

É complexa nossa intenção, o que também está relacionado ao fato de que nas atividades organizadas e orientadas com base no filme, buscamos a interpretação de como a criança pensa os deslocamentos temporais, causalidade, sujeitos históricos e fonte histórica, em situações de discussões; elaboração de uma linha do tempo e de elaboração de narrativas. Este desafio está no fato de que as crianças se depararam com diferentes patamares do tempo (presente, passado e futuro) tanto de sua vida como da dinâmica do filme, inseridos em distintas velocidades que contrapunham o ritmo das ações humanas ao ritmo trazido pela métrica temporal, em contexto onde há visíveis sinais de mudanças (no passado e presente dos personagens quanto em relação à realidade do aluno), além da aceleração temporal trazida pelo deslocamento.

Reconhecendo a ambição de nossa meta, prosseguimos trocando idéias com os alunos para conhecermos como eles imaginavam a sociedade no ano de 1985. Logo de saída, em consenso, explicaram que se tratava de um filme antigo: “*tem 23 anos*” (em 2008). À pergunta sobre como seria esta sociedade há 23 anos, obtivemos respostas com base em evidências trazidas por elementos materiais visíveis, quando indicavam que: a roupa era diferente da nossa; o cabelo das pessoas antigas eram penteados para trás; as calças seriam na altura do umbigo; as pessoas seriam mais civilizadas, no modo de falar e comer; tinha que casar. Indagados sobre o porquê deste pensamento, responderam que seus pais contaram ou então que viram na TV. Nas respostas sempre tentaram atribuir ao passado características que o colocavam como um tempo diferente do presente, expressando que sentem a necessidade de demarcarem o passado como ‘outro tempo’, um tempo diferente daquele onde está hoje. Demarcar essas diferenças parece ser muito mais importante do que relacionar o tempo passado ao tempo de onde estão falando.

Conforme já apontaram pesquisas anteriores (Oliveira, 2006), Cainelli (2006), o uso de elementos cronológicos que possibilitariam encontrar referenciais no tempo (tempo do meu avô) não acontece no primeiro momento da análise que o aluno faz sobre como seria tal tempo. Seria uma necessidade imprimir ao ‘presente vivido’ uma diferenciação em relação aos homens de outros tempos? Sentem necessidade de destacar a modernidade da atualidade para não se reconhecer como igual no passado? São questões que permanecem na demanda da ampliação de maior entendimento sobre o pensamento das crianças em relação à temporalidade e conhecimento histórico.

- **Após o filme:**

Ao final da apresentação do filme, sentamos em roda para conversarmos sobre o que tinham entendido, e nestes diálogos obtivemos variadas percepções. Optamos nesta análise por nos determos nas respostas relacionadas aos deslocamentos temporais ocorridos entre (1985-1955-1985).

Pelos diálogos com os alunos, percebemos que compreendem e acompanham sem dificuldades os deslocamentos temporais que ocorrem no filme, o que podemos perceber na narrativa de um dos alunos: *Ele (Marty) está em 1985 e faz uma máquina do tempo e volta para 1955 (quem faz a máquina é o Doutor Brown); ele (Marty) foi para o passado porque tava fugindo e no final ele foi para o futuro; para Marty 1985 é presente e para nós é muito passado. Também concluem que pai e filho ficaram com a mesma idade porque a idade do menino ficou a mesma e a do pai mudou. Em tal conclusão identificam o deslocamento temporal de Marty e a permanência do pai em seu próprio tempo; os elementos que permanecem: a torre, a praça, a escola, o diretor da escola; e as transformações: a escola em 1955 é limpinha, já em 1985 é suja (relacionado ao caráter de conservação); o skate era mais quadrado.*

A cena na qual a senhora pede ajuda para preservar o relógio da torre foi colocada em destaque intencionalmente na discussão para levantar as reflexões sobre o que é um monumento. A idéia posta no filme foi compreendida pelas crianças, que verbalizam que *a mulher quer preservar o relógio do jeito que está, parado; que é a mesma hora que o raio caiu, 10h 04 min (em 1955). Indagados se concordam com a idéia de preservação do relógio do jeito que está, respondem: não pode mudar o relógio porque é patrimônio.*

Para fazer uma atividade onde sistematiza-se a aprendizagem sobre os deslocamentos temporais propiciados a partir do filme e das discussões realizadas, e prosseguindo na nossa intenção de levar o aluno exercitar a sua imaginação histórica solicitamos que representassem o que entenderam sobre o filme em uma **linha do tempo**, acrescentando a questão: como seria a vida de Marty em 2008, em nosso presente. Tal proposta possibilitaria reconhecer o que os alunos compreenderam do filme e como fazem suposições a partir desta compreensão. Vamos tecer algumas considerações sobre o material produzido.

Realizaram esta atividade 24 alunos. Analisando o material verificamos que 23 alunos produziram texto ou desenho relacionados ao enredo do filme. Em outras palavras, demonstraram que entenderam a narrativa trazida pelo filme como ficção no que se refere aos deslocamentos temporais.

Destes 23 trabalhos cujo conteúdo nos indicavam que os alunos haviam compreendido o filme (a narrativa), 5 foram representados por meio de desenhos comparativos entre 1985/1955 ou colocando em destaque alguma cena do filme. Torna-se importante destacar que tais representações também devem ser consideradas importantes no trabalho com os alunos dos anos iniciais, mas no tocante a este trabalho, optamos por destacar os trabalhos elaborados em forma de texto, organizados ou não em uma linha do tempo.

Ainda que a linha do tempo tenha sido montada no quadro de giz a partir do diálogo com os alunos, partindo de 2008 e chegando até o ano de 1955, não houve a imposição de um modelo para a realização da atividade pelos alunos. Dois alunos escreveram sobre um tempo da história, não estabelecendo uma análise comparativa entre os três tempos solicitados. Não temos elementos aqui para discutir porque não estabeleceram as relações entre os tempos, mas convém destacar que em sala de aula o professor deverá estar atento e incentivar os alunos a este exercício necessário à construção do conhecimento histórico.

Foi interessante perceber que dentre os 16 alunos que apresentaram narrativas sobre 1955 e 1985, seis deles restringiram-se a apresentar o que aconteceu no filme, sem elaborar nada relacionado a suposições sobre a situação de Marty em 2008. Este fato precisa ser destacado porque se relaciona com a forma como os alunos compreendem as aulas de História, concepção esta explícita na resposta formulada por um aluno à indagação feita em um outro momento do trabalho **O que está escrito no livro de História é verdade?:** - *Tudo que tá no livro é verdade. Se o livro é da escola está certo. As histórias do livro de português não são verdades.*

Ainda que nossos elementos sejam insuficientes para adentrar em uma análise sobre esta rigidez que atribuí ao livro didático de História ‘a posse sobre a verdade do passado’ numa aula de História, cabe-nos propor a indagação: que espaço o futuro tem nas aulas de História? Aqueles que “ousaram” trazer o futuro para a linha do tempo, formularam hipóteses de que Marty teria se casado com sua namorada e teria filhos, teria casa e carro bonito, nos indicando que para eles a mudança possível ou as probabilidades para o futuro ainda está atrelada aos elementos visíveis e não como elaborações onde a relatividade temporal destes tempos seria considerada. A continuidade histórica quando é considerada (na relação do presente com o passado e com projeções para o futuro) ainda está presa aos elementos visíveis trazidos pelas experiências, no caso, as trazidas pelo filme que apresenta um “*happy end*” onde aparecem os elementos citados.

Na representação gráfica da linha do tempo nos chamou atenção a temporalidade da narrativa que se sobrepôs à organização cronológica. Na maioria dos trabalhos, a seqüência da linha do tempo é a seqüência apresentada na narrativa do filme.

Estas questões foram pensadas na consideração de que propiciariam em operação cognitiva a expressão de relações com o tempo passado com base em dados cronológicos – anos e idades - a partir do seu tempo presente. A reconstrução do tempo passado ao ser articulado por datas (2008 – 1985 - 1955) marca três tempos de diferentes realidades (a do tempo presente do aluno e os do filme), exigindo raciocínio que retira os alunos da condição de análise espontânea e os insere na necessidade de uma reconstrução temporal de eventos de ‘maneira metódica’, pois não trabalharam apenas com o apoio em datas, mas também, com situações de personagens que exigem deslocamentos temporais ao remeter a contextos diferenciados que se imbricam como é o caso do ‘desaparecimento de personagens da fotografia de 1985’. Além disso, a quarta questão também coloca as crianças em exercício de interpretação que paulatinamente auxiliará na ultrapassagem da posição de “observador inconsciente”. (MATOZZI, 1998, p.38 -39), pois é solicitada à criança, a elaboração de explicação que contempla a ‘reconstrução do passado’ não de forma estática, mas sim, ‘entre passados’.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo. Ática, 1994.

BRAUDEL, Fernand. *Reflexões Sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAINELLI, Marlene. Educação histórica: perspectiva de aprendizagem da história no ensino fundamental. **Educar em Revista**, Curitiba, p.57-73, 2006.

COOPER, Hilary. **Didáctica de la historia en la educación infantil e primaria**. Traduzido por Pablo Manzano. Madrid: Ministério de Educación, cultura y Deporte; Ediciones Morata, S. L., 2002.

MATTOZZI, Ivo. A história ensinada: educação cívica, educação social ou formação cognitiva. In. **Revista O Estudo Da História**, nº3. Actas do Congresso O ensino de História: problemas da didáctica e do saber histórico. Braga, 1998.

OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira. O tempo, a criança e o ensino de História. In. Zamboni, Ernesta (org). *Quanto tempo o tempo tem!* Campinas, SP: Editora Alínea, p.145 – 172,2003.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa – Tomo II**. Campinas: Papyrus Editora, 1995